

**Stella Carr**

# **Estranhas luzes no bosque**

*Ilustrações de*  
**Noemi de Carvalho**



**editora scipione**

*Gerência editorial*

Sâmia Rios

*Edição*

Cristina Carletti

*Assistência editorial*

Andréa Cozzolino

*Preparação*

Oswaldo Cogo Filho

*Revisão*

Eloiza Helena Rodrigues,  
Regina de Lourdes dos Santos  
e Nair Hitomi Kayo

*Coordenação de arte*

Maria do Céu Pires Passuello

*Diagramação*

Fábio Cavalcante



**editora scipione**

---

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400  
Freguesia do Ó  
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2013

ISBN 978-85-262-4426-9 – AL

ISBN 978-85-262-4427-6 – PR

Cód. do livro CL: 733868

2.ª EDIÇÃO

12.ª impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O livro de Franklin Cascaes citado nos capítulos 6 e 8 é *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1989.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Carr, Stella, 1932-2008.

Estranhas luzes no bosque / Stella Carr. –  
São Paulo: Scipione, 1999. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

97-2678

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

# SUMÁRIO

1. O terceiro olho .....	5
2. Uma tragédia em Vila Velha .....	10
3. Revelações inesperadas .....	18
4. Na pista dos desaparecidos .....	23
5. À noite acontecem coisas! .....	28
6. Uma descoberta importante .....	35
7. Um morto faz revelações .....	42
8. Entrando num mundo assustador! .....	48
9. A noite dos pesadelos.....	54
10. A Irmandade dos Justos .....	61
11. Disque S para socorro.....	70
12. As peças do jogo estão se mexendo .....	79
13. Alguma coisa saiu errada .....	86
14. Presos na ratoeira .....	93
15. Uma corrida contra o tempo .....	103
16. Epílogo.....	112
<i>Stella Carr</i> .....	120



# Parte 1

## O terceiro olho

I

**N**o meio do barulho infernal dos jatos, Marco notou que a voz de Isabel soava aguda e irregular.

– Você grita fininho e desafinado, sabia?

Eloís explodiu na risada, Isabel se arrepiou araríssima, caindo na armadilha da provocação.

– Como é mesmo o nome daquela ave que pia aos gritinhos, Bel? Você, que conhece passarinhos: é gralha? Não, gralha pia grosso. É... cracatua? – Marco cutucou.

– Vocês hoje estão uns chatos – se queixou a irmã.

– É emoção, Bel. A gente não vê a Tuti desde Petrópolis!

– Olhem, é o avião dela que está chegando! Vamos descer e esperar no portão de desembarque – propôs Eloís.

Embaixo, no saguão, Isabel ainda recomendou:

– E nada de falar sobre “os dons” da Tuti, entendido?

Ela não gosta que a gente fique comentando.

– Ah, irmãzinha, qual é? Foi o “terceiro olho” dela que salvou a minha vidinha naquele caso do Museu Imperial, lembra?

– Não fique com gozação, Marco, vai deixar a coitada inibida. Já deve estar desacostumada com vocês. Esperem até quebrar o gelo, tá? – implorou Isabel.

– É isso aí; segurem suas línguas, suas pestes! – traduziu Eloís.

– Vocês não tomam jeito? Olha aí dois rapazes de 15 e 16 anos, somando dá 31, e se portam como dois moleques!

– É alegria embutida, mana. Tem que sair por algum lugar, de algum modo – respondeu Marco, que tinha que ficar com a última palavra.

Foi então que viram Tuti, correndo na direção deles, de braços abertos.

– Gente, eu estou doidinha de saudades. Vocês estão ótimos! Eloís, você está um gato!

– E eu? – perguntou Marco, se esticando todo.

– Um gambá – provocou o irmão.

Pra consolar, Tuti abraçou o caçula e deu um caloroso beijo nas bochechas do rapaz.

– Viu, ela não tem preconceito quanto à espécie de animal – se gabou Marco, mostrando um riso de dentadura total.

Os quatro foram se dirigindo para o estacionamento onde Isabel tinha parado o carro. As duas moças iam na frente, falando ao mesmo tempo, transbordando de novidades. Os dois irmãos atrás. Marco cochichou:

– Já degelou, acho que vou perguntar *onde* foi parar a revista de turismo com o mapa rodoviário da excursão, que Isabel “enfiou no nariz”.

– É mesmo, já procuramos pela casa toda! Onde pode estar?

Isabel deu a partida e entraram na avenida movimentada.

– Você se importa de guiar na estrada, Tuti? Os meninos ainda não têm carta e até Santa Catarina é muito tempo para uma pessoa só, mesmo parando em Curitiba.

– Eu adoro guiar, Bel – respondeu a moça. – Vai ser uma curtição essa viagem, nós quatro! Mas, em todo caso, seria bom que vocês me deixassem dar uma olhada nessa revista de turismo que está aqui debaixo do meu banco. Há um mapa bem detalhado nela e eu já vou me familiarizando com o trajeto.

Eloís abriu uma boca de peixe fora d'água, Marco abaixou-se e pescou a revista do imprevisível esconderijo:

– Aqui esta ela; é toda sua, Tuti. Você merece!

A moça pegou a revista e começou a folhear.

Já estavam na Avenida Pacaembu, quando Tuti falou:

– Podem parar agora pra pôr o álcool, eu não me importo. E depois de tomar um banho, vou com você ao mercado, Isabel; não estou nem um pouquinho cansada, pode dispensar os meninos.

Daí Marco desabafou:

– Agora já é demais, Bel. Eu não aguento a Tuti lendo a cabeça da gente!

A recém-chegada caiu na risada:

– Desde o aeroporto vocês dois não pensam em outra coisa! E me olham como se eu tivesse um olho na testa. Não fico nada bonita com essa imagem – se queixou Tuti.

Marco ficou vermelho feito sinal de trânsito!

A moça se justificou:

– Sabem, tenho aprendido a controlar essa minha... qualidade. Mas com vocês é inevitável; os dois são transparentes!

A recém-chegada sorriu e baixou os olhos para a revista aberta em seu colo. Começou a folhear procurando a reportagem sobre os passeios ao Paraná e à Santa Catarina. De repente parou, seus olhos ficaram vidrados, meio opacos; a moça foi alisando a página com as pontas dos dedos.

Isabel, preocupada com o trânsito, não percebeu nada. Mas, do banco detrás, Eloís observou o perfil da amiga, o rosto estático, e ficou olhando a mão da Tuti percorrer o papel, como se estivesse “lendo pelos poros”! Ele já havia visto antes aquela expressão na fisionomia da moça.

“Ela está presentindo alguma coisa”, Eloís pensou.

Marco, sem desconfiar de nada, chamou Tuti. Ela pareceu acordar de um sonho, assustada:

– Aammmm? O que você disse? – Olhou para trás e seu rosto estava sombrio e mudado.

Os olhos do Eloís se cruzaram com os da Tuti; ela imediatamente fez um sinal disfarçado, com o dedo nos lábios. Eloís sentiu um aperto no peito: Tuti havia *captado* algo e ele não devia fazer comentários! O que seria?

E pelo resto do trajeto até em casa, Marco ficou falando sozinho, o que não o aborrecia nem um pouco!

## II

**E**m casa, só à noite Eloís deu um jeito de pensar Tuti:

– O que foi que você *captou*? Alguma coisa ruim, é? Tem algo a ver com a nossa viagem, não tem?

– Tolice, Eloís. Não faz sentido, juro! Foram apenas sensações, visões malucas. Coisas sem nexos.

E Tuti conseguiu escapar, pois Isabel vinha chegando. Mas o rapaz ficou encucadíssimo!

– Todo mundo precisa dormir cedo, amanhã vamos sair junto com o sol, ou sem ele! – avisou a irmã. – Mas bem de manhãzinha! Até Curitiba são no mínimo seis horas.

Quando foi dizer boa-noite às moças, Eloís viu Tuti fazendo anotações na revista de turismo, que ela não tinha largado mais.

Logo Marco foi se deitar, Isabel também. Mas Tuti continuou no escritório.

– O que você está escrevendo aí? – perguntou Eloís.

Tuti olhou pra ele muito séria, nem parecia a mesma moça risonha que desembarcara à tarde do avião! Depois, respondeu:

– Você está mesmo cismado, não é? Quer saber mesmo o que eu *captei* àquela hora no carro? Bem, eu *ouvi* um choro de criança, que gritava pela mãe. Mas não foi tudo. Quando meus dedos desceram percorrendo o mapa, eu *vi* – a moça respirou fundo – figuras absurdas e apavorantes, monstros, meio gente e meio bichos.

– O que significa isso? – perguntou Eloís, aparvalhado.

– Não tenho a menor ideia! – foi a resposta.

Tuti se levantou, deu boa-noite pro rapaz com um beijo perfumado na testa e foi dormir.

Assim que ficou sozinho, Eloís notou a revista esquecida sobre a mesa e não resistiu à tentação; abriu na página do mapa. E então ele viu as partes assinaladas. Tuti havia marcado com um círculo alguns lugares de Florianópolis: PÂNTANO DO SUL, RIBEIRÃO DA ILHA, PONTA DA FEITICEIRA.

Mas foi a anotação feita ao lado que deixou Eloís cis-mado! Tuti não tinha dito tudo; havia algo mais, que ela escondera e a deixara preocupada – deduziu o rapaz.

A palavra escrita à margem da folha era... BRUXARIA!



## Parte 2

# Uma tragédia em Vila Velha

I

Isabel guiou pela autoestrada até a divisa do Paraná; Tuti pegou o volante assim que o sol esquentou e foram direto para Curitiba.

Já na cidade, pararam para almoçar num agradável restaurante do Passeio Público, de onde ficaram olhando os casais e as crianças andando de pedalinho no lago tranquilo.

– Nós vamos até Vila Velha, não é, Bel? – Marco perguntou ansioso.

Isabel comprara um *Guia do Sul* na banca de jornais e os quatro – as cabeças unidas – localizaram nas páginas do guia a intrigante formação rochosa, que durante muito tempo tinha sido confundida pelos bandeirantes com uma cidade em ruínas.

– Por aqui nós alcançaremos Vila Velha em pouco mais de uma hora, sem correr – Tuti apontou. – BR 376.

Todos concordaram e foi aí que aconteceu; o casal da mesa ao lado tinha um bebê com pouco mais de dois anos, uma graça de garota. O pai olhou para o guia nas mãos de Eloís e puxou conversa:

– Estou vendo que vocês vão para Vila Velha. Nós podemos seguir atrás de seu carro? Minha mulher também quer conhecer o lugar.



Isabel aceitou imediatamente; o casal era tão simpático! Tuti, porém, teve um sobressalto e falou, com ar preocupado:

– Vocês não acham que está muito calor, a essa hora, para a garotinha viajar?

– Que nada, ela vai bem, sentadinha atrás. Está acostumada a andar de carro – replicou o pai.

O casal era muito jovem e animado, Isabel gostou deles. Mas Tuti não conseguia se livrar da “sensação” de que algo ruim estava para acontecer logo mais, alguma coisa ligada ao passeio e que talvez fosse possível evitar. Eloís percebeu a aflição da moça e sentiu um arrepio involuntário num lugar indefinido, que ele identificou como “a própria alma”!

Enquanto os outros combinavam, Tuti suspirou resignada. Ia dizer o quê – “Não levem sua filha nessa viagem, eu sinto que ela corre perigo, porque ouvi um choro de criança ontem, lá em São Paulo, a 500 quilômetros daqui, quando folheava as páginas de uma revista?”

Era o artigo de Vila Velha – agora Tuti estava certa – que desencadeara a sua “sensação”! Foi o contato de sua mão com a figura das estranhas rochas recortadas há 400 milhões de anos por ventos e geleiras que a fez *ouvir* o choro angustiado da criança, que gritava pela mãe e em seguida tivera a voz abafada por alguém ou por alguma coisa!

A intuição dizia à Tuti que devia afastar o casal com a menina do lugar suspeito. Mas... e se ela estivesse enganada? Confusa, a moça experimentou um instante de dúvida.

Minutos depois estavam os quatro no carro, Isabel guiando e o casal seguindo a *Quantum* com a menininha pulando no banco detrás. E não havia mais nada a fazer!

